

— Tu, cantador, não sabias
Que eu vinha a esta função;
Abre as asas, estende as guias,
À chegada do Gavião.

(Santa Vitória-do-Ameixial).

Canta-se e dança-se nas *adiafas* das ceifas, no acabamento.
Depois enche o lavrador o carro no bom negócio da tulha
farta.

Muito bem parece o carro, Muito bem vai a moça
À porta do lavrador; Nos braços do seu amor.

—————
(Ribatejo).

3.ª PARTE

Azeite Santo

— O ramo da oliveira é bento,
êle dá o azeite p'r'ó Santíssimo Sacramento.

Chaves, Vila Real (*Rev. Lusit.*, x, 199).

I

A oliveira pertence ao número daquelas plantas, cujas sementes ou estacas «pegam» melhor, e florescem bem, frutificam esperançosamente, quando roubadas ⁽¹⁾.

A «folhinha» da azeitona é curta.

Janeiro. — Quem azeite colhe antes de Janeiro, azeite deixa no madeiro.

Junho. — Chuva de S. João tira azeite e não dá pão.

— Em dia de S. Pedro, vê teu olivedo; e, se vires um grão, espera por cento.

Agosto. — De Agosto é a culpa, mas Setembro leva a fruta.

(1) Já em nota do cap. III da 2.ª Parte, houve referência ao «roubo medicinal». Telhas roubadas curam sezões (Leite de Vasconcellos, *Excursão Extremenha*, p. 4); roubadas dos

No Inverno, Dezembro frio, Janeiro de gèlo e de geada,
dessa geada da cantiga:

Nesta terra não há moças, Só ali escapou uma,
Que as levou a geada, Debaixo de uma ramada.

(Norte).

formam-se os ranchos, que vão apanhar a azeitona. Eles aí vão os *ralinhos* beirões aos bandos, em demanda do trabalho no Sul. Os criados e trabalhadores permanentes da quinta ou da herdade não chegam para a faina, precisa-se de mais « família ».

Para a colheita da azeitona (*olivitas* ou *oleitas*), os Romanos tinham entre a legião dos escravos, que eram os *operarii* de todas as artes e ofícios, os *leguli*, *factores* ou *torcularii*, correspondentes aos nossos lagareiros, os *capulatores* ou tanoeiros para vasilhame ⁽¹⁾.

O processo de colher a azeitona entre os Gregos era o varejamento. Vasos pintados, do grande período da arte helénica, mostram homens munidos de varapaos, uns montados na oliveira, outros em baixo no chão, a varejarem com eles o fruto ⁽²⁾. É ainda o uso de hoje, só ou completado pelo arranque manual de esgarçamento.

telhados vizinhos e oferecidas a S. Domingos, curam das ma-leitas no conc. de Castelo-Branco (Lopes Dias, *Etnografia da Beira*, I, 97); e até uma quadra, colhida por Fernandes Tomás, alude por certo a esta prática supersticiosa, embora com outro sentido (amoroso):

As telhas do teu telhado Passei por elas doente,
São vermelhas, tem virtude; Logo me deram saúde.

Canções da Beira, p. 184.

⁽¹⁾ J. Marquardt, *La vie Privée des Romains*, I, 162 e ss.

⁽²⁾ Duruy, *Histoire des Grecs*, I, 716. Walters, *Catalogue of the Greek Vases in the British Museum*, II, B. 115. Há desenhos que reproduzem as scenas dos vasos pintados.

Eu não sou vossa oliveira,
Que a haveis de varejar.

Gil Vicente, *Clérigo da Beira*,
Obras, 1852, III, 226.

Saramago. — «Basta que eu passey de Saramago a oliveira, e que por meus pecados hey de ser varejado! Mas a mim que se me dá; pois se sou tronco, hey de ser insensível».

António José da Silva (o Judeu),
Amphitryão, ed. da «Renas-
cença Portug.» Pôrto, 1916.

Em baixo, mulheres estendem panos sob as árvores, para as azeitonas caírem nêles e ser mais fácil encher os cestos. Os homens são os varejadores, — os «avarjadores» do Alentejo. No Alentejo os homens vão ao olival de *çafões*, carapuça até as orelhas, metidos nos *pelicos* ou nos capotes alentejanos, «à cavalaria», de estaménha; libertam os braços, e, — com *pelico* ou sem êle, sempre em mangas de camisa, pois os *pelicos* as não tem, e em colete, de que se não desfazem, — esfarripam ou varejam. As mulheres, de saias apanhadas em forma de calções, como nas *ceifas*, lenço soqueixado sob o chapéo aguadeiro, chaile ou lenço de «cachiné» de malha, cruzado no peito como os mantos das sacerdotizas de Isis ⁽¹⁾, apanham a azeitona; — são as *apanhadeiras*, e enchem com ela os *cabanejos* ou cestos, que o *menageiro* ou *manageiro* vai contando.

O «menageiro», que não sabe ler, marca o trabalho por cestos cheios, como nas vindimas. Toma uma vara, e faz um entalhe pequeno por cada cesto, e um maior, mais visível de dez em dez — a *deca*; ou, com giz, faz traços por cada medida e um circulozinho por grupos de dez; variando, porém, a marcação por sinais e dispositivo, mas sempre numa base de contagem decimal. O pagamento é à *soldada*, a dia, contado o trabalho pelas «denúncias» do «menageiro», ou à *obra*, segundo o número de cestos, que o trabalhador encheu.

Com a ciranda, as mulheres escolhem a azeitona, depois de largada a terra e as fôlhas. É um dos símbolos da apa-

(¹) *Atti della R. Accademie dei Lincei*, I, 5.^a série, 112, fig. na pág. 115.

nha, apanho ou apanhamento da azeitona. Tem acento especial nas cantigas alusivas dessa quadra agrícola. No frio agreste dos olivais da serra ou da aragem crestante do Sul, aqueles cantares das ceifas são agora mais cristalinos, mais dulcificados na atmosfera húmida.

Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Lá no campo da azeitona,
Anda a ciranda no ar.

Anda a ciranda no ar,
Anda a ciranda no chão;
Ó ciranda, ó cirandinha,
Amor do meu coração.

Amor do meu coração,
Não há palavra mais doce,
Quer tu me queiras quer não
Gosto de ti, acabou-se.

(Estremoz-Évora).

A canção é lenta e de tonalidade suave, com uma melodia ondulada que volta e revolta ao princípio. Em Vila-Real, há uma variante:

— Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar,
Vamos dar a meia-volta
Meia-volta vamos dar.

Conserva no entanto o mesmo ar de valsa, de ritmo dançado pelo movimento oscilatório da ciranda.

*

E volta a ciranda a cirandar, sem descanso, enquanto os varejadores « botam » abaixo a azeitona.

— Avarjai, avarjadores;
Apanhai, apanhadeiras;
Apanhai baguinhos de oiro,
Que caem das oliveiras.

— Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Lá no tempo da azeitona,
Anda a ciranda no ar.

(Elvas) ⁽¹⁾.

Para comparação, traduz-se a correspondência de três estâncias da *Mireia*, de Mistral (Nouvelle Edit. 1900):

— Quantas « apanhadeiras » são precisas, — para colher a azeitona de tantas oliveiras!... — Vem o dia de Todos os Santos, e as môças de Les Beaux, — com azeitonas vermelhas, em forma de amêndoa, — vão enchendo sacos e panos!... — e sempre cantando, vão juntando mais. — (Canto I, p. 6). — Dois cestos de colher azeitona (I, p. 8). — Vejo uma terra nova, um sol que alegra — as « apanhadeiras » em farandola, — diante dos frutos pendentes, — e, deitados nos feixes de aveia, — os ceifeiros que empinam o barril. — (VI, 260).

II

A festa grande do « apanhamento » é o final, o *acabamento*, — a *adiafa do acabamento* ou *acabo* da azeitona, como a da ceifa e a da mastuga da azeitona no lagar e lagariça. Lembram as antigas festas pagãs em honra dos deuses protectores da agricultura: — Ceres-Demeter, dos trabalhos agrícolas, especialmente das searas; — Baccho-Dyonisos, da vinicultura. Eram as Bacchanais em honra dêste; as Eleusinas, com os mistérios de Eleusis, em honra de Ceres.

Em Estremoz, não há muito, no dia do acabamento, havia missa, a que concorria o « rancho da azeitona », para dar solenidade de dia grande à festa. Mulheres e homens entravam e saíam da igreja aos vivas aos patrões. O traje era singular: mulheres, de sãia azul, lenço de malha ao pescoço, blusa berrante, outro lenço na cabeça debaixo do chapéo; homens, de fato alentejano, — de jaqueta curta aberta, estaménha côr de pinhão, a mostrar a cinta azul ou vermelha e

(¹) António Tomás Pires, no livro de Vitorino de Almada, *Concelho de Elvas*, etc., Elvas, 1889, II, 46^a s. v. « azeitona ».

a camisa branca, de calça justa à perna; uns e outros de grossos çapatos de couro, feitos no Alentejo e Algarve.

De um lenço de sêda fazem lá uma bandeira, e dependuram-lhe das duas pontas livres outras tantas fitas. O «mena-geiro» é quem a transporta, no meio do rancho. Ladeiam-no duas mulheres, que seguram as fitas. E lá vão para casa dos donos do olival com estridentes vivas, saudações e cantigas. Chegados, repetem os vivas, que tem de conceito uma semelhança grande com as *Janeiras* e os *Reis*, pois que neles se formulam todos os desejos, concebíveis, pela felicidade dos patrões. Êstes dão-lhes de comer e beber, o que de ordinário consiste em carnes, passas, filhós, vinho e aguardente. De volta, vão para casa de um dos do «rancho» ou para os celeiros dos patrões, e aí segue a *função* noturna, em que bailam (*balham*) as *saias*, dança bárbara de um movimento saltado, ágil, contínuo, as *valsas*, as *mazurcas*, as *chòlices*, adaptações campestres das danças de salão.

Em Elvas, durante o *apanhamento*, é ainda recente o costume do *arrebolar* ⁽¹⁾. Nas horas do descanso, um rapaz levava a bem ou à fôrça uma rapariga, e, aproximando-se de uma ladeira, subjugava-a e *rebolava* com ela pelo pendor.

No princípio do *apanho* elvense, o *rancho* elege o *alferes*, a *juiza* e a *mordoma*. No dia do *acabamento*, o *alferes* leva a bandeira, feita de fitas de sêda, e pendentes de uma travessa a formar cruz; pendem também da cruz dois ramos de laranjas. À volta, vão homens e mulheres com archotes de palha encerada. A seguir, vai a *juiza* e a *mordoma*; atrás o *rancho*. O *alferes* veste à *moura*: calças brancas e largas, jaqueta igual, cinta vermelha a tiracolo, turbante de papelão. A *juiza* e a *mordoma* vão de branco, duas tranças pelas costas abaixo, ligadas nas pontas por fitas em laço. O caminho é o mesmo, a casa dos patrões. As raparigas vão com ramos de flores ou de laranjas ⁽²⁾.

⁽¹⁾ A. Tomás Pires, in Vitorino de Almada, *Concelho de Elvas*, etc. s. v. «azeitona», loc. já mencionado.

⁽²⁾ António Tomás Pires, *loc. cit.* in *Concelho de Elvas*, 464 e ss.; Luís Chaves, «Etnografia alentejana — O rancho da azeitona (Estremoz e Elvas)», em *Terra Nossa*, revista alentejana, Junho, 1916, p. 26 e ss. e «Festas Populares — (Alentejo) — ...» na *Lusa*, 1924, IV, 129 e ss.

Para o Norte, fazem-se também festas de acabamento. Os patrões dão a «comesaina»: vai o chibato ensopado, o arroz de olha gorda de toucinho. No pátio da casa levanta-se um mastro, enfeitado com verdura de medronheiro, mentastros e flores do monte; e tudo come, estruge e dança.

III

A oliveira é benta, tem virtudes santas. De sempre foi árvore de consagração divina. Votou-se à simbolização da paz: a deusa *Eirené* dos Gregos, *Pax* dos Romanos, tinha por atributos um ramo de oliveira, um cadúceo e uma cornucópia. Era a árvore de Pallas-Minerva.

A oliveira é paz,
O pessegueiro é guerra;
Se não fossem os teus agrados,
Já não estava nesta terra.

(Vila Real).

A oliveira é a paz,
Que se dá aos bem casados;
A palma aos sacerdotes,
O alecrim aos namorados.

(Vila Real).

O ramo da oliveira é bento,
Ele dá o azeite p'ró Santíssimo Sacramento.

(Chaves — Vila Real, etc.).

A oliveira é benta,	Aí quem vem aqui tão longe,
O ramo dela tem virtude;	A saber da tua saúde!

(Vária).

Nos aniversários dos mártires, nas Catacumbas, celebrava-se o Ofício Divino, colocando-se sobre pilares lâmpadas de azeite aromatizado ⁽¹⁾.

(¹) Albano Belino, *Archeologia Christã*, Lisboa 1900, p. 28.

No romance transmontano de Lousa, — o *Cavaleiro*, êste e a filha do Senhor dêle apaixonam-se um pelo outro, apesar da idade dela. Êle afasta-se, e vai casar longe; ela procura-o, até o encontrar.

— Um morre pelo almoço,	No altar de cristal
Outro morre ao jantar;	Nasceu um videiral.
Um enterra-se no altar-mór;	A <i>olivia</i> dava azeite
Outro no altar de cristal:	Pró Senhor alumiar.
No mór nasceu <i>olivia</i>	O videiral dava vinho
Como não há igual;	P'ra no cálix consagrar ⁽¹⁾ .

Foi símbolo de vitória, — era a *corona panathenaea* ou *olympia*, da oliveira da Acropole para os vencedores dos jogos panateneicos e olímpicos ⁽²⁾. Esparta coroou de oliveira Temistocles ⁽³⁾, o vencedor de Salamina, os Romanos coroavam assim também os seus heróis; o costume perdurou, associando-se-lhe modernamente a «palma» da vitória ⁽⁴⁾.

Também a oliveira foi símbolo de fecundidade. As estátuas de Damia e Auxéria, no Epidauro, eram de pao de oliveira; eram deusas da fecundidade; friccionavam-se nelas as mulheres, para se fazerem fecundas; consagravam-lhes sacrificios as noivas.

Ê talvez desta longínqua e inconsciente origem, que vem o oráculo amatório das raparigas com as fôlhas da oliveira.

⁽¹⁾ Abade José Augusto Tavares, «Romanceiro Transmontano», *Rev. Lusitana*, IX, 283, n.º 33.

⁽²⁾ Plínio, *Naturalis Historia*, XV, 19.

⁽³⁾ Plutarcho, *Themistocles*, 21.

⁽⁴⁾ Os Gregos estavam celebrando as festas olímpicas com jogos gímnicos e carreiras de carros, quando Xerxes chegou a Hística. Chegavam os transfugas da Arcadia, e alguém, que os ouviu, lhes perguntou: — «E que prémios disputam êles (os gregos)?» — «Uma corôa de oliveira», — responderam os Arcades. — Então o persa Tritantequemo exclamou para o rei: — «Contra que homens, ó Mardónio, nos levas tu? Contra homens que lutam não pela riqueza mas pela honra!» — Adolfo Coelho, «A historia dos exercicios fisicos, na sua relação com o desenvolvimento moral», nos *Arquivos da Universidade de Lisboa*, II, 170 (1915).

« Deitam-se por uma pessoa » folhas de oliveira ao lume; se encaracolam e estalam, essa pessoa quer bem a quem as deita; se ardem quer-lhe mal (Alentejo).

A esta adivinha se refere a cantiga de Barroso (¹):

— Ó oliveira do rio,
Bota-me p'ra cá um ramo,
Qu'eu sou rapariga nova,
Quero saber a quem amo.

É talvez ao mesmo facto, embora sem menção completa, que alude estoutra cantiga beirã (²):

— A folha da oliveira,
Deitada no lume, estala;
Assim é meu coração,
Quando para o teu não fala.

Ramos de oliveira, bentos no Domingo-de-Ramos, são guardados para queimar pelas trovoadas, pois livram do raio as casas onde ardem. Dados aos noivos, no dia das bodas, são promessas de fartura, — pois, se a oliveira é benta, e por isso se dá aos bemcasados! E o azeite dá para o prato, onde a gente come; — para a candeia, com que a gente se alumia; — e para a lâmpada do Santíssimo Sacramento, onde a gente resa e comunga no Senhor!

Na heráldica nacional figura a oliveira no escudo da cidade de Guimarães, a oliveira do milagre que a lenda cristã, evoca e ergue simbolicamente (³).

(¹) No log. cit. « Trad. popul. de Barroso ». *Rev. Lusit.*, XVIII.

(²) J. Lopes Dias, *Etnograf. da Beira*, II, 53.

(³) Havia uma igreja em Guimarães, dedicada à Virgem Maria. Já lá vão seis séculos. Junto do templo erguia-se o tronco mirrado de uma oliveira que tudo indicava morta. Pero Esteves colocou uma cruz na sombra suave da oliveira. E a árvore reverdeceu. A igreja reconstruída recebeu a invocação de N. Senhora da Oliveira, teve colegiada insigne cujo prior usava o título honorífico de Don Prior-mór; cole-

IV

São numerosas e variadas as cantigas, que vêm aludir à oliveira, como tema; ora se referem à árvore e seus caracteres, ora a costumes e crenças que se lhes ligam.

1—Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja;
No tempo em que estamos,
Ninguém logra o que deseja.

(Norte).

2—Ó oliveira do adro,
Não assombres a igreja;
Bem assombrado anda,
Quem não logra o que deseja.

(Barcelos) ⁽¹⁾

3—Ó oliveira do alto,
Rama dela tem virtude;
Passei por ela doente,
Logo me achei com saúde.

(Barcelos) ⁽¹⁾

4—Oliveira, frança sêca,
Carregada de « pendão »;
Menina, se há de ser minha,
Ninguém lhe há de pôr a mão.

(Vária).

giada que foi riquíssima pelos presentes reais e pela crença da Nação. Guimarães tomou para emblema seu a oliveira renascida.

⁽¹⁾ António Gomes Pereira, *Trad. pop... de Barcelos*, respectivamente: p. 62 e 77.

5—Oliveira é «verguia»,
Dá-lhe o vento, «troce, troce»;
Quem tem amor na terra,
Ou lhe esgarra, ou lhe tosse.

(Atalaia) ⁽¹⁾.

6—Oliveiras, oliveiras, Quero dizer olivais; Tenho o coração mais negro, Que a azeitona que vós dais.	7—Oliveira ao pé do oiro, Deita galhadas de prata; Menina, dê os seus olhos A quem por eles se mata.
--	---

(Amarante).

(Atalaia) ⁽¹⁾.

8—Ó oliveira da Serra, Do vento combatida, Ainda eu espero passar Contigo a minha vida.	9—A folha da oliveira, Deitada ao lume, estala; Assim é meu coração, Quando para o seu não fala.
--	---

(Norte).

(Idanha-a-Nova) ⁽²⁾.

10—À sombra da oliveira, Amor, é que é o falar; Tem a fôlha miudinha, Não entra lá o luar.	11—A oliveira é paz, Que se dá aos bemcasados; O alecrim é ramalhudo, Que se dá aos namorados.
---	---

(Idanha-a-Nova) ⁽²⁾.

(Vária) ⁽³⁾.

12—Não cortes a oliveira,
Nem lhe ponhas o machado,
Que alumia toda a noite
A Jesus sacramentado.

(Barcelos) ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ Monteiro do Amaral, «Trad. pop. da Atalaia», in *Rev. Lusitana*, XI, 122, n.º 235 e 110, n.º 47.

⁽²⁾ J. Lopes Dias, *Etn. da Beira*, II, 53.

⁽³⁾ Leite de Vasconcellos, *Trad. pop.*, p. 119.

⁽⁴⁾ António Gomes Pereira, *Trad. pop. . . de Barcelos*, p. 58.

13—A oliveira pequena

Também tem pequena sombra;
Toda a môça, qu'ê bonita,
Pequeno dote lhe bonda.

(Vila-Real) ⁽¹⁾.

14—Se a oliveira falasse,

Ela diria o que viu;
Que debaixo da sua sombra
Dois amantes encobriu.

(Norte).

15—Debaixo da oliveira,
É um regalo andar;
Tem a fôlha meudinha,
Não entra lá o luar.

(Barroso) ⁽²⁾.

16—Oliveira pequenina,
Tem a fôlha aos anéis;
Por via dêsses teus olhos,
Padeço penas crueis.

(Barroso) ⁽²⁾.

Também a azeitona tem a sua parte nas cantigas. Em geral, a alusão mais corrente é à côr negra da azeitona madura e curada, que logo recorda os olhos negros: «os olhos pretos são vadios».

17—Atirei com a azeitona
À menina da janela;
A azeitona caiu dentro
A menina quem m'a dera.

(Barcelos) ⁽³⁾.

18—Atirei com a azeitona
À menina da janela;
A azeitona está lá dentro,
Ai, menina, quem m'a dera.

(Atalaia) ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ Vila-Real: — António Gomes Pereira, «Trad. pop. de Vila-Real», in *Rev. Lusitana*, IX, 261, n.º 21.

⁽²⁾ Barroso: — Fernando Barreiros, «Trad. pop. de Barroso», in *Rev. Lusitana*, XVIII, 245, n.º 10 e 258, n.º 171.

⁽³⁾ Barcelos: — António Gomes Pereira, *Trad. pop. ... de Barcelos*, p. 49.

⁽⁴⁾ Atalaia: — Monteiro do Amaral, «Trad. pop. de Atalaia», in *Rev. Lusitana*, XI, 118, n.º 177.

- 19—Os olhos do meu amor 20—Azeitona verdial,
São duas azeitoninhas; Comê-la-hemos os dois;
Fechados são dois botões, Se ela tiver veneno,
Abertos são duas rosinhas. Morremos ambos ao d'pois.
(Santo Aleixo — Extremoz). (Amarante).
- 21—Tendes os olhinhos pretos, 22—Azeitona *cordovil*,
Côr de azeitona madura; Deita azeite amarelo;
As falinhas da tua bôca, «Alumeia» todo o ano
Me levam à sepultura. A Senhora do Castelo.
(Vila-Real). (Atalaia).

4.^a PARTE

Vinho alegre

— Fui ao Douro à vindima,
Não achei que vindimar;
Vindimaram-me as costelas,
Foi o que lá fui ganhar.

(Vila-Real, *Rev. Lusit.*, x, 130).

I

A romaria agrícola da vindima converge ao Douro. É a zona vinícola por excelência. A ela concorrem as quatro províncias do Norte, que se debruçam sôbre o Douro. E das serras altas descem ao vale duriense as populações rurais, em busca de trabalho certo, que lhes garanta os bons lucros de « pé-de-meia » salvador das economias domésticas.

Quantas promessas a vindima não aponta! Dinheiro a guardar ao canto da arca, para livrar o rapaz da tropa; ou para o bragal da rapariga, a « môça » ou « cachopa », que o espera para os preparos do casamento. E quantas vezes não vai ela também, e não vai o rapaz a salvar da caserna, numa solidariedade simpática da família, onde grangeiam comum governança pais e filhos, irmãos e irmãs.

Por isso, no orçamento rural é de magna importância para a decisão da vida, esta romaria célere das vindimas do